



● Cadavre Exquis e seus mentores

de 11 de Julho a
11 de Setembro 2015

Exposição da
1ª Bienal Arte de Gaia 2015
Convento Corpus Christi

Perve
Galeria



Alfama





Imagem do 1º núcleo expositivo, “A heterodoxia do Cadavre Exquis”, na sala de entrada do Convento Corpus Christi, Gaia.

Imagem da capa: **José Escada** Sem título, papel recortado, 30x30x10 cm, 1974 JE01

Um título-programa como pretexto para o lugar do sonho

Pretendeu-se, com a exposição intitulada “O Cadavre Exquis e os seus mentores”, contribuir para o reconhecimento de autores que consideramos fundamentais na criação artística em Portugal e que, com o seu labor, iniciado ainda na primeira metade do séc. XX, conseguiram, de forma ímpar, abrir caminho a novas expressões e linguagens poéticas e visuais, factos mais do que reconhecidos dentro e fora do meio artístico.

Associar estes autores, a maioria Surrealistas filiados no movimento iniciado em Portugal na década de 1940, e suas práticas artísticas, a uma primeira edição da Bienal de Gaia, é algo que entendemos como sinal claro de vitalidade da iniciativa cujo comissário geral, Agostinho Santos,

em boa hora fez questão de superlativar a importância destes autores na construção plástica nacional, sobretudo quando se olha para o valioso trabalho que realizaram em prol da liberdade criativa, especialmente atendendo à época em que muitos deles começaram o seu caminho, no transcurso da longa e repressiva ditadura onde muitos destes autores, por não alinharem com o regime, foram perseguidos e, em muitos casos, vexados.

A mostra, cujas obras fazem parte do acervo da Perve Galeria e do espólio da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, acontece neste imponente edifício de arquitectura barroca, o Convento Corpus Christi, colocando em diálogo, que esperamos profícuo, obras de arte sacra com as de alguns dos mais importantes autores do surrealismo português, que estiveram na origem da recuperação, directamente do movimento surrealista francês, do método de criação artística que ficou conhecido por Cadavre Exquis, fundado nos princípios da actividade colectiva e do automatismo psíquico puro.

Uma chama tão intensa e profundamente bela como a que foi acesa pelo surrealismo, numa altura complicadíssima da nossa história - entalado entre as duas guerras mundiais, com a guerra civil espanhola pelo meio e com toda a espécie de ditaduras e colónias escravagistas que existiam - uma chama assim não pode nem, seguramente, irá apagar-se. Cesariny dizia, a propósito: “Não se inquietem, o Surrealismo existe desde sempre e jamais acabará”.

O reagrupar destes artistas, singulares e originais, mas próximos pelas sensibilidades e culturas, sublinha mais uma vez, o vigor do Surrealismo. O fio subterrâneo que os interliga, é o automatismo, na liberdade do sonhar acordado, que faz com que se reencontrem nas margens de rios imaginários, sob o nosso olhar maravilhado.

O que estes autores têm em comum, é ao mesmo tempo, e nas suas obras, um convite à viagem. talvez por estarem mais isolados do que os outros, os Surrealistas portugueses realizaram mais obras colectivas e privilegiaram mais o “diálogo”, que André Breton, fundador do Surrealismo em França, considerava como sendo a verdadeira essência da arte. Os artistas aqui apresentados, trabalharam, em muitos casos, juntos; quiseram recriar um laço com a forma, inventada pelo grupo francês em 1925, do Cadavre Exquis. Os cadáveres extraordinários na área do desenho, realizados pelos artistas portugueses, são cada vez mais complexos, e abandonam a estrutura base, que era a da “figura”, com distribuição anatómica: cabeça, tronco e membros. Estes autores realizaram obras, que se apresentam na exposição, do país dos sonhos, cadáveres extraordinários a tinta preta e a cor, que abrem as portas do reino das quimeras.

A escultura, por outro lado, aparece nesta mostra como que fazendo eco de um poema de Artur do Cruzeiro Seixas: “Onde cada coisa é uma pessoa e cada pessoa é uma coisa. Isto é, onde a mão trémula do escultor liberta e esculpe o neveiro.”

O contraste entre a quantidade de elementos figurativos, e o espaço vazio, é uma das características dos desenhos patentes na exposição: Um ponto de vista elevado e distante sobre a paisagem e o seu horizonte, que a confronta com uma visão frontal sobre as criaturas-objectos dos primeiros planos, favorecem essa “solidão de sinais”, procurada por Giorgio de Chirico. Mas ao invés de Chirico, que consegue a solidão pela rarefação, em muitas obras atinge-se essa dimensão, paradoxalmente, através da proliferação e do exagero, sendo as escalas constantemente quebradas; o princípio da metamorfose estende-se ao próprio espaço, que, de um ponto ao outro, se modifica sub-repticiamente, num jogo de espaços reforçado pela duplicação parcial de alguns personagens e objectos, especialmente evidentes em alguns dos desenhos apresentados.

Pégaso, o cavalo alado nascido do sangue de Medusa, é como um duplo do artista. O cavalo alado, tal como a barca, é um convite à viagem. Banquinhos cinzelados e icebergs bisotados emolduram um mundo gelado sob o qual se aninha um fogo ardente. Edouard Jaguer, que lançou em Paris Cruzeiro Seixas, ousou a imagem do “cristal onde o enigma se derrete na própria incandescência” e num princípio alquímico, como um transformador de energia, pensa-se no “l’air de l’eau” de Breton, onde já se misturavam a chama e a neve. Tudo isto, acompanhado pela sonora manifestação poética, sensorial, musical da grande nave Surrealista “do princípio do mundo, até

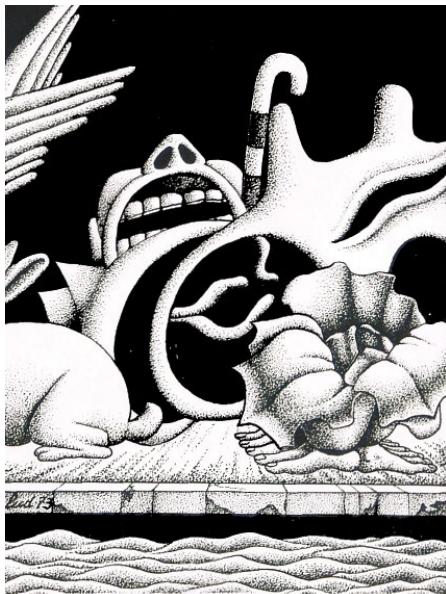
ao fim do mundo”, tal como nos legou Cesariny no final do magnífico poema cartográfico da liberdade e do amor “Navio de Espelhos”.

Paul Éluard sonhava com um mundo onde “os peixes cantam como pérolas” e os autores desta exposição, nascidos em épocas muito distintas, cujas obras percorreram o todo Século XX para chegarem até aos nossos dias, parecem ter sido movidos por essa inabalável certeza de que a vida corre sempre num sentido inverso ao real-quotidiano, o real fazendo-se sonho, como o é o desta Bienal de Gaia que, espera-se, possa crescer, fortificar e expandir-se sem limite outro que não o céu mais longínquo e profundo.

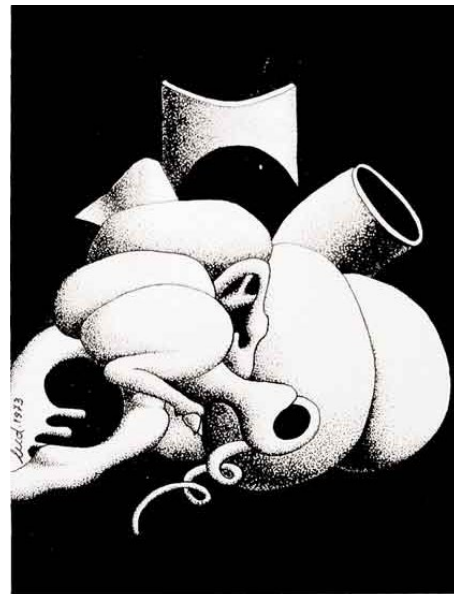
Carlos Cabral Nunes

curador da exposição, Julho de 2015.

Excertos de textos de Françoise PY, publicados no catálogo da exposição “Cadavre-Trop-Exquis”, Perve Galeria, Setembro de 2010.



LUD O Coelho que nasceu numa couve (conto de Pedro Oom). Cadavre Exquis, tinta-da-china s/ papel, 13x10 cm 1973 LUD23



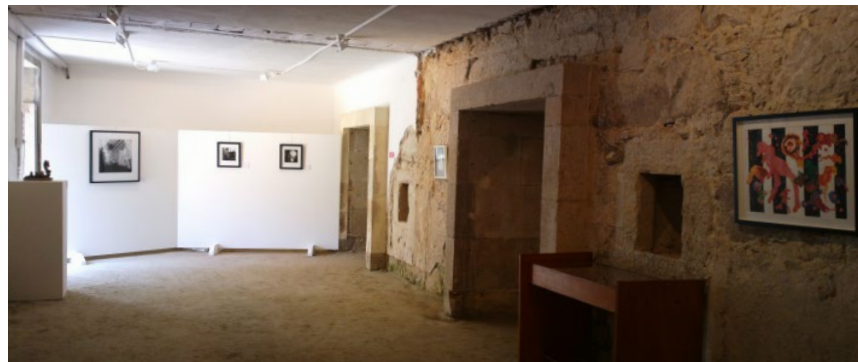
LUD O Porquinho que dormia de costas (Ilustração p/ conto de Pedro Oom). Cadavre Exquis, tinta-da-china s/ papel, 9,5x12 cm 1973 LUD24



Imagens de obras de Martins Correia e José Escada, patentes no "salão do cadeiral", Convento Corpus Christi, Gaia.

1º núcleo
expositivo

A heterodoxia do Cadavre Exquis



Imagens de 1º núcleo expositivo, "A heterodoxia do Cadavre Exquis", patente na sala de entrada do Convento Corpus Christi, Gaia.



Fernando Lemos Autoportrait [2] e Intimidades [1], Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selênio - Vintage Print, 20x20 cm anos 50
FL02 / FL04



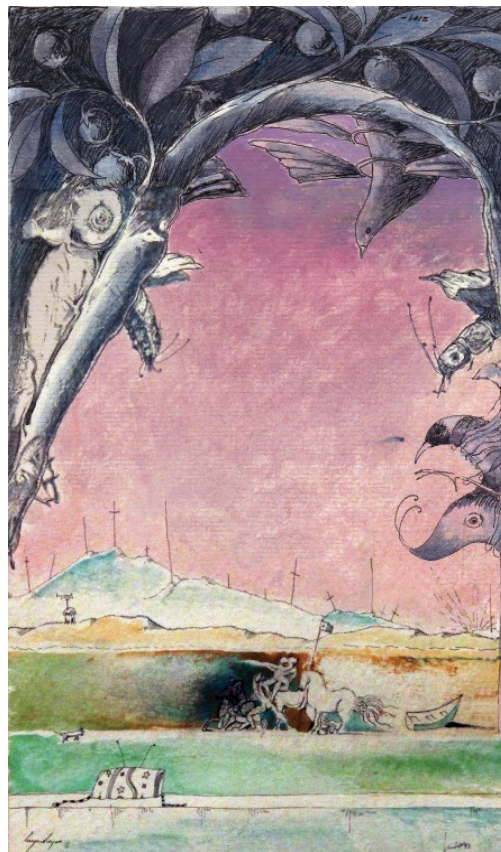
Fernando Lemos Nú lento, Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selênio - Vintage Print, 46.2x46.2 cm 1949-52 FL64



Carlos Zíngaro The melting pot, Acrílico s/ papel, 59.4x42 cm 2014 CZ103



LUD, Jacinto Luís Apoteose, Cadavre-Exquis, Tinta da china s/ papel, 43x29 cm 1979 LUD26



Cruzeiro Seixas, Alfredo Luz e Mário Botas Sem título, Intervenção plástica de C. Seixas e A. Luz s/ serigrafia de obra de Mário Botas, 25.5x16 cm, anos 70/2010 CESQ_AL_MB32

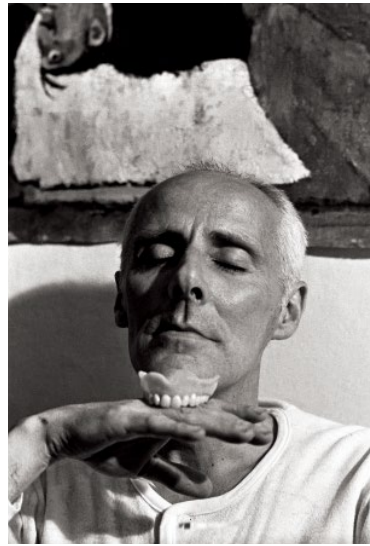


Figueiredo Sobral Espaço Mítico, Técnica mista s/tela, 58x90 cm 1970 FGS05



Cabral Nunes, Eurico Gonçalves e Gabriel García

Sem título, Cadavre Exquis feito no âmbito do
2º Encontro de Arte Global, realizado no Panteão
Nacional em 2008/9, Tinta-da-china e aguada s/
papel, 64,5 x30 cm
2009 CESQ_2AG02



Retrato de Mário Cesariny por Eduardo Tomé
1975



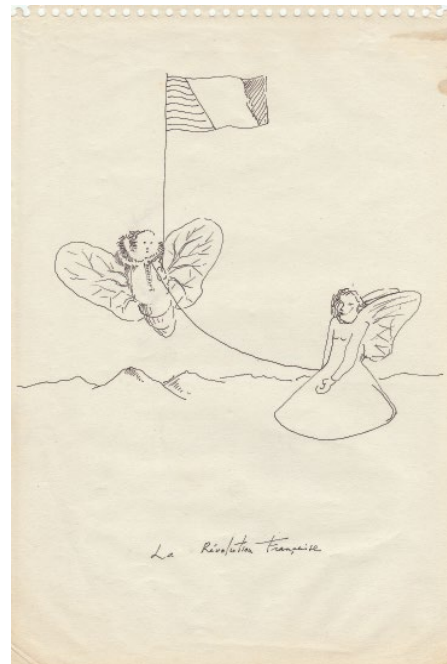
Retrato de Cruzeiro Seixas por Mário Botas
1974



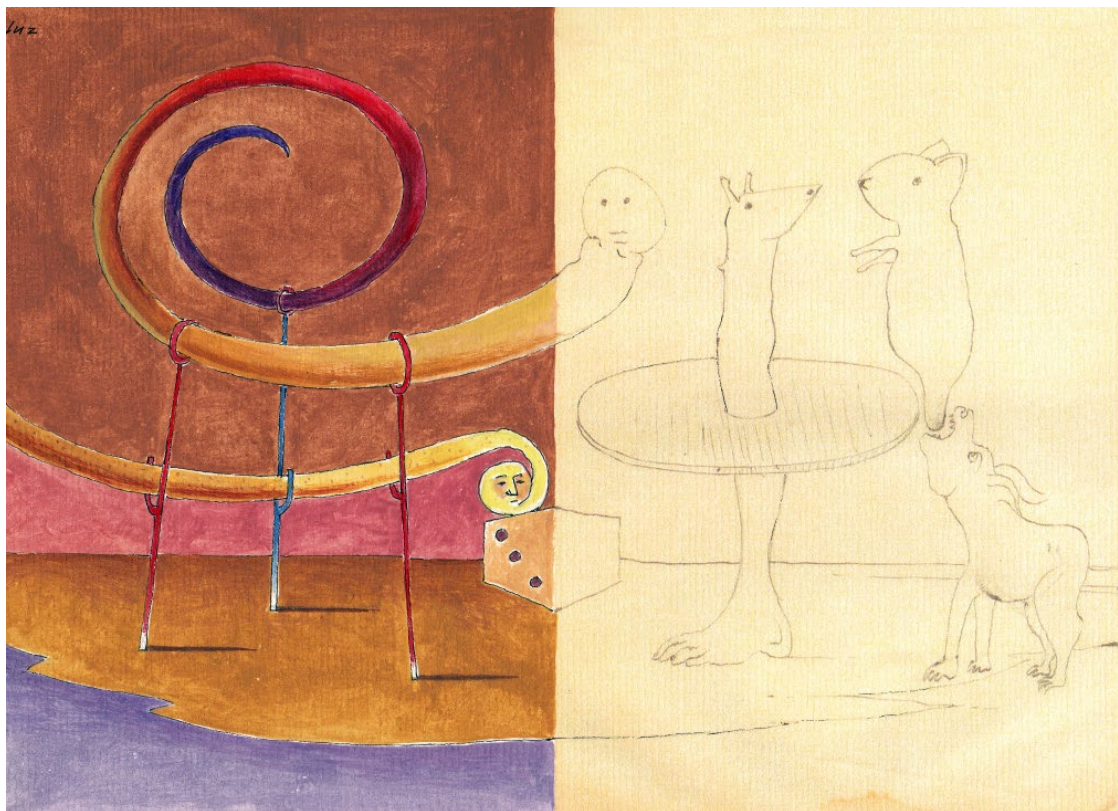
Mário Botas Sem título, Tinta-da-china e aguada s/ papel, 23x16 cm circa 1970 MB15



Mário Botas Sem título, Tinta-da-china s/ papel, 23x16 cm circa 1970 MB48



Mário Botas La Révolution Française, Tinta-da-china s/ papel, 23x16 cm circa 1970 MB14



Alfredo Luz e Mário Botas Sem título, Intervenção plástica de A. Luz sobre impressão serigráfica de obra de M. Botas, 18.5x26 cm
anos 70/2010 CESQ_AL_MB019



Isabel Meyrelles

Le revolver à cheveux blancs
(hommage à André Breton)
Bronze cinzento claro, ed. 4/8
25,5x26,5x17 cm 2008
IM39



Isabel Meyrelles

Auto-retrato
Bronze dourado, ed. 3/8
20x25x11 cm 2004
IM31



LUD Sem título, Técnica mista s/ cartão, 18x13 cm
2000 *LUD10*



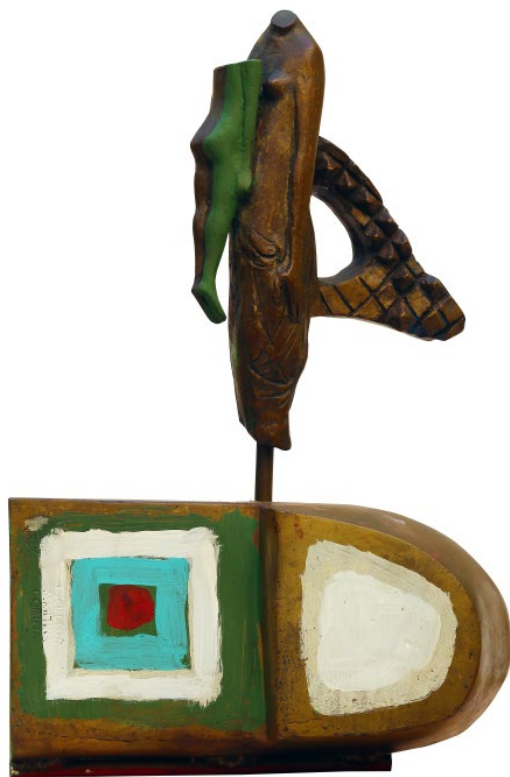
Raúl Pérez Sem titulo, óleo s/tela, 65x54 cm 1963 RPZ07



Raúl Pérez Sem titulo, Tinta-da-China s/papel, 17x19 cm 1974 RPZ10



Martins Correia Sem título Bronze policromado,
54x31x12 cm n.d. MC40



Martins Correia Sem título, bronze policromado,
48x33x24 cm n.d. MC39



Imagens do 2º núcleo expositivo, "Ortodoxia do Cadavre Exquis", patente no Convento Corpus Christi, Gaia.

Um percurso referenciado

A exposição, dividida em duas partes e dois interlúdios, procura enaltecer a riqueza e diversidade que o Cadavre-Exquis alcançou em Portugal. O primeiro momento expositivo é, genericamente, designado de “heterodoxia da criação colaborativa”, por reunir obras de autores que, com excepção de Fernando Lemos, não fizeram parte de nenhum dos grupos fundadores do movimento Surrealista em Portugal. Por outro lado, as propostas plásticas, saídas da eventual normativa de construção colaborativa em processo de Cadavre-Exquis, permitem a contextualização na contemporaneidade da pertinência dessa proposta Surrealista, especialmente se considerarmos a reunião de obras de artistas como Cabral Nunes, Carlos Zingaro, Eurico Gonçalves, Figueiredo Sobral, Gabriel Garcia, Isabel Meyrelles, Jacinto Luís, Lud, Mário Botas e Raúl Perez, a par com a fotografia de Fernando Lemos, aqui incluído por, precisamente, a sua obra realizada no período inicial do Surrealismo em Portugal, não ter tido, entre nós, outros protagonistas com semelhante produção, o que equivale a dizer que se tratou de uma obra singularmente heterodoxa, não obstante a época em que foi realizada.

O segundo momento da exposição é dedicado à ortodoxia Surrealista, se assim podemos apelar as propostas formuladas, a partir da década de 1940, pelo grupo “Os Surrealistas”, que reuniu alguns dos vultos maiores da cultura portuguesa, como o são Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas, autores a quem este núcleo expositivo dá destaque, a par com António Paulo Tomás, Carlos Eurico da Costa, Fernando José Francisco, Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leiria e Pedro Oom, todos tendo feito parte desse grupo Surrealista inicial, juntando-se obras de autores que, não tendo estado vinculados directamente a esse grupo, criaram afinidades plásticas e pessoais com os seus mentores, como são os caso de Natália Correia, João

Rodrigues e António José Forte, a que se juntam algumas obras de um autor cujo trabalho perpassou grande parte do Séc. XX, constituindo-se como um referencial simultaneamente singular e afim do universo Surrealista português: falamos de Martins Correia, artista cujas obras se incluem igualmente nos dois interlúdios expositivos, patentes na capela do convento Corpus Christi (onde também se podem ver obras de Isabel Meyrelles), no que será uma das primeiras manifestações em Portugal do legado (filosófico) de Bento XIV e de aproximação da Igreja à arte moderna e contemporânea, na medida em que as obras de arte dialogam sem preconceitos nem dogmas com as obras religiosas. O outro interlúdio, no salão do Cadeiral (onde as monjas se reuniam para orar) tem apenas 3 obras, todas elas significativas e de relação extraordinária, permitam-nos dizê-lo, com aquele espaço magnífico e monumental. As de Martins Correia, como se disse, e uma, de notável simbologia e sensibilidade, de José Escada dedicada a Cesariny em abril de 1974.

É assim, com esta obra paradigmática da atitude (libertária) dos Surrealistas em Portugal, que termina o percurso expositivo onde, na generalidade, as obras mostradas foram feitas para serem celebradas, antes que tudo, pela amizade e respeito que os autores nutriam uns pelos outros e pelo labor, onde a autoria individual se procurava diluir numa mensagem ou repto existencial sobremaneira mais vivificante e fundamental: o Cadavre-Exquis, portanto, como a mais elevada expressão colaborativa e colectiva de criação, para celebrar mais do que uma estética, uma ética, como bem afirmaram os seus mentores logo em 1949, algo que, hoje, merece (e tanta falta faz) reafirmar.

Carlos Cabral Nunes

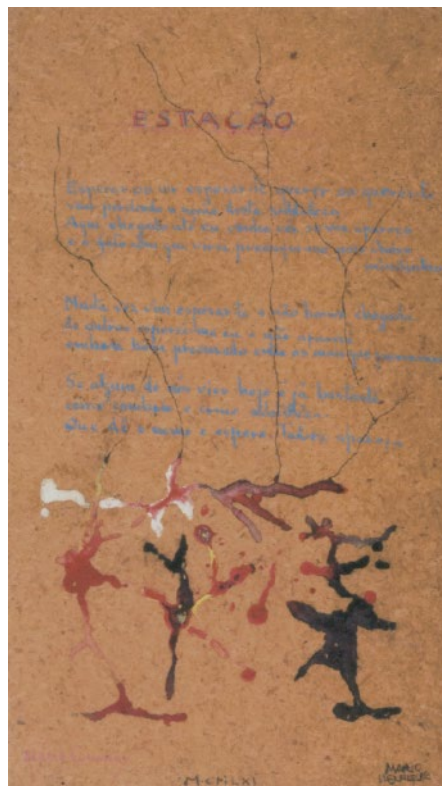
Martins Correia
Ecologia
Bronze e madeira
policromado,
80x50x20 cm
n.d.
MC14



Martins Correia
Sem título
Gouache s/ papel,
20x20 cm
n.d.
MC13



Martins Correia
Sem título
Técnica mista s/ papel
40x40 cm
n.d.
MC08



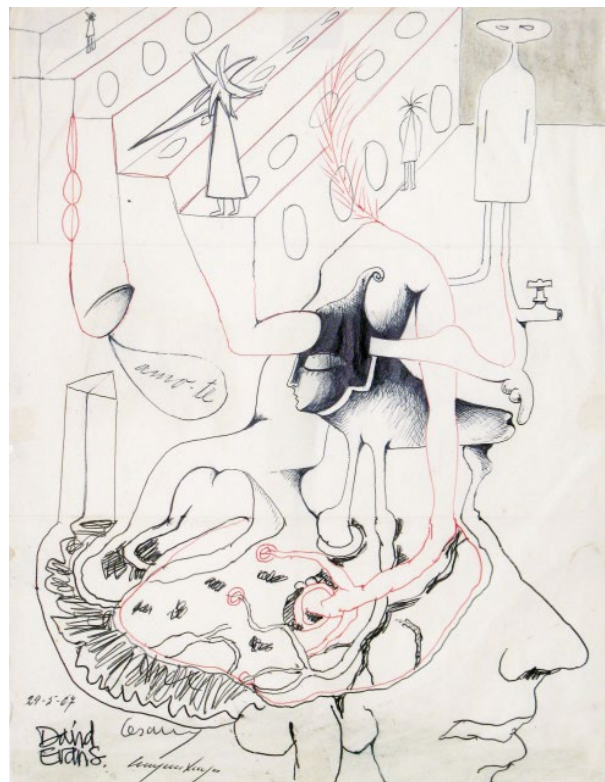
Mário Cesariny e Mário Henrique Leiria Estação
Cadavre Exqui, Técnica mista s/ madeira, 29x15 cm
1961 CYS111



Fernando José Francisco Sem título Obra realizada na sequência da 1ª exposição de "Os Surrealistas" (1949) Acrílico s/ madeira, 48x44 cm circa 1950 FJF06



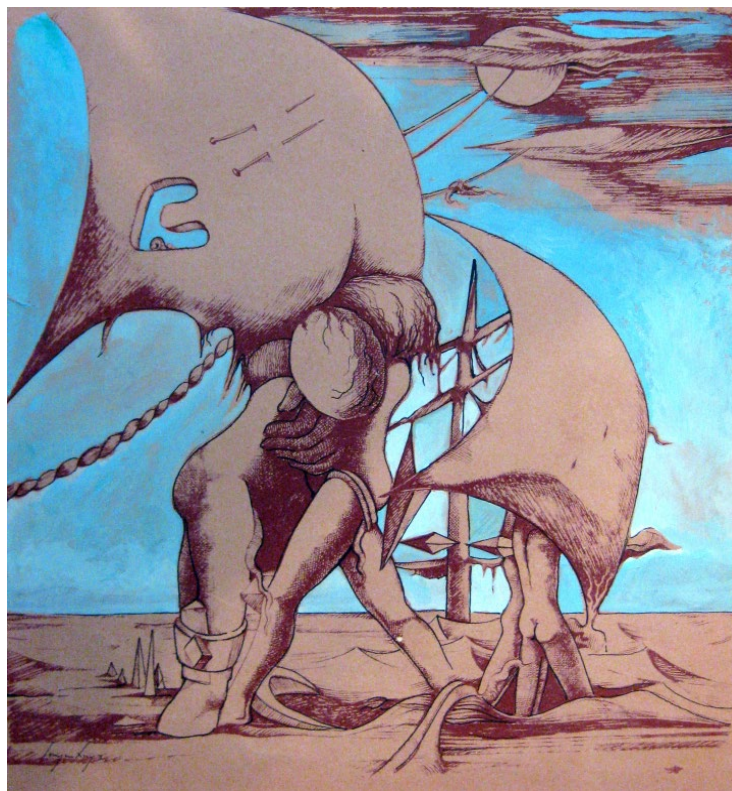
Cruzeiro Seixas Sem título, Óleo s/ cartão, 32,5 x 23,5 cm 1962 CS166



Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e David Evans Sem título, Cadavre Exqui, Tinta-da-china e esferográfica s/ papel, 27,5x 20,5 cm n.d. CESQ_CSY_CS_DE

Cruzeiro Seixas

Sem título
Bronze (nº 3/7),
46x12.7x9 cm
2011
CS108



Cruzeiro Seixas Sem título, Têmpera e tinta-da-china s/ papel, 30.5x32.5 cm
circa 1960 CS122



Cruzeiro Seixas, Mário Botas e Fernando José Francisco
Sem título, Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel, 31x24 cm
circa 1970 CESQ_CS_MB_FJF01



Cruzeiro Seixas Duas ilhas, Têmpera e tinta-da-china s/ papel, 31.5x43.5 cm
1978 CS150

Mário Cesariny

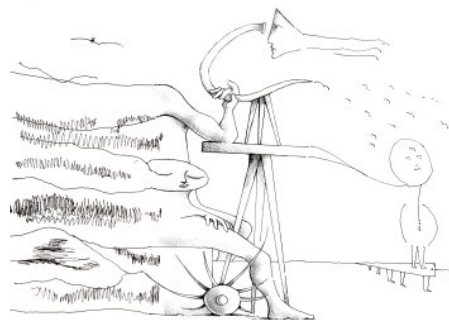
Fernado Pessoa ocultista
Bronze, Prova de Autor.
Cadavre Exquis,
realizado a partir
de desenho (de 1957)
e orientação de
Mário Cesariny.
Escultura original
em gesso, executada
por Isabel Meyrelles
33x11x13 cm
1957/81
CSY009



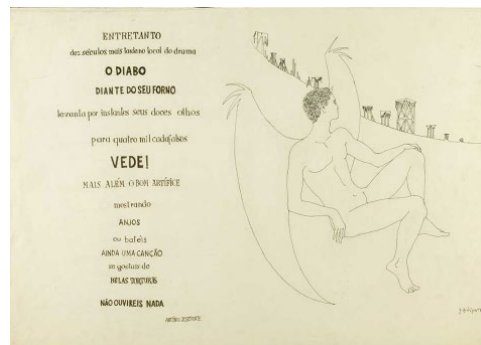
Mário Cesariny Sem titulo, Técnica mista s/ cartão, 47x60 cm 1948 CSY141



Mário Cesariny Sem título, da série "Passagem para a Índia", Técnica mista s/ papel, 29x21 cm 1999 CSY133



Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco Sem título, Cadavre Exquis feito no âmbito da última exposição dos 3 fundadores de "Os Surrealistas", Técnica mista s/ papel, 31.5 x 41 cm 2006 CESQ_C1



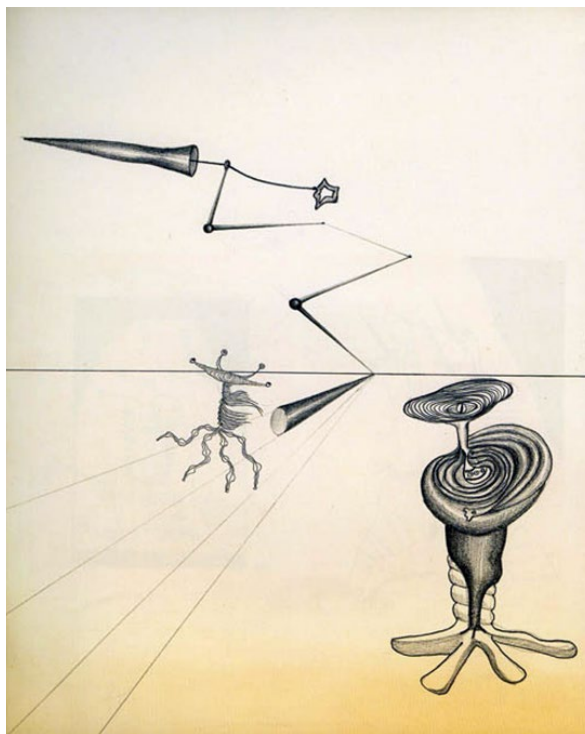
João Rodrigues e António José Forte Entretanto. Cadavre Exquis com poema de António José Forte e desenho de João Rodrigues, Tinta-da-china s/ papel, 43x61 cm 1959 JR02



António Paulo Tomáz e Cruzeiro Seixas Sem título. Cadavre Exquis. Intervenção plástica a gouache, realizada por Cruzeiro Seixas, Tinta-da-china e guache s/papel, 21x27.5 cm circa 1950 PT02



Mário Cesariny Sem título, Técnica mista s/ papel, 21x14.5 cm
n.d. CSY142



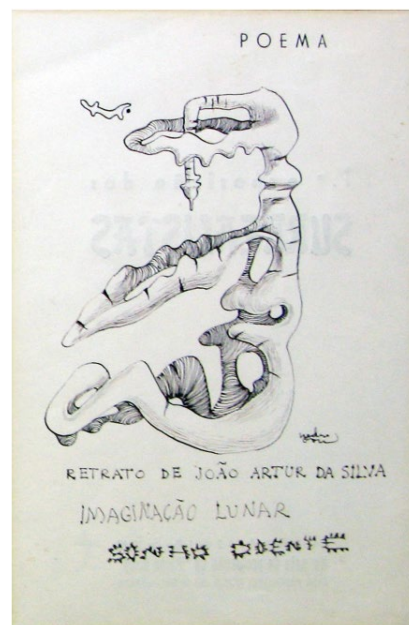
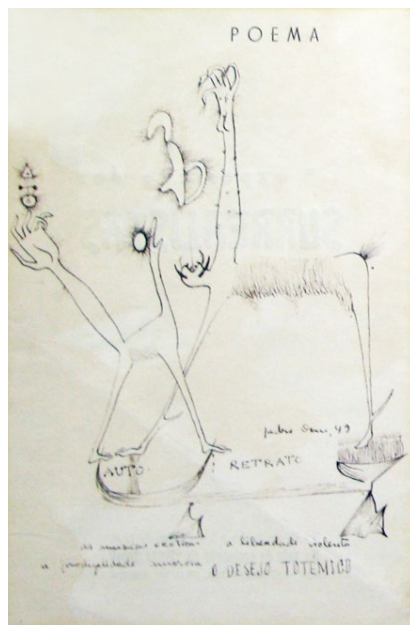
Henrique Risques Pereira Sem Título. Obra realizada na sequência da 1ª exposição de Os Surrealistas (1949), grafite s/ papel 32.9 x 24.5 cm circa 1950 RP05



Eurico da Costa A caminho de Palaguim, Técnica mista s/papel, 28.5x24 cm
circa 1960 EC02



Eurico da Costa Brasília, Técnica mista s/papel, 21x14 cm
circa 1970 EC01



Pedro Ohm Tríptico: O desejo totêmico; Les chantes de Maldonor; Sonho Doente, Tinta da china sobre papel. Realizado no verso das folhas-catálogo da 1ª Exposição de "Os Surrealistas", 14x20 cm [cada] 1949 P00M02

Martins Correia

Sem título
Bronze
policromado,
61x15x11 cm
n.d
MC37



Martins Correia

Alma Rupestre
Bronze e madeira
policromados,
36x17x17 cm
1971
MC38



**Isabel Meyrelles
e Benjamin Marques**

Cadavre "trop"
Exquis, tendo por
base desenho de
Benjamin Marques.
Terracota pintada
(folha de ouro e
prata),
22x18.5x22 cm
2010
IM22



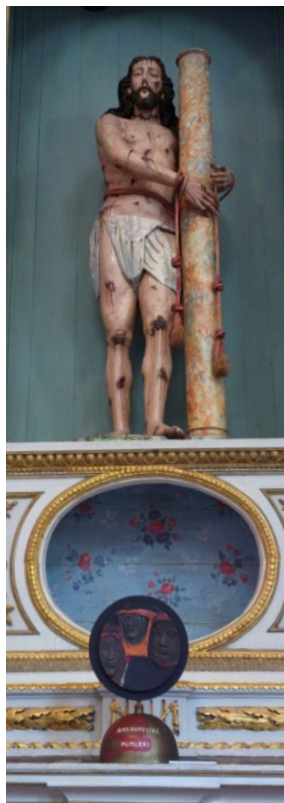
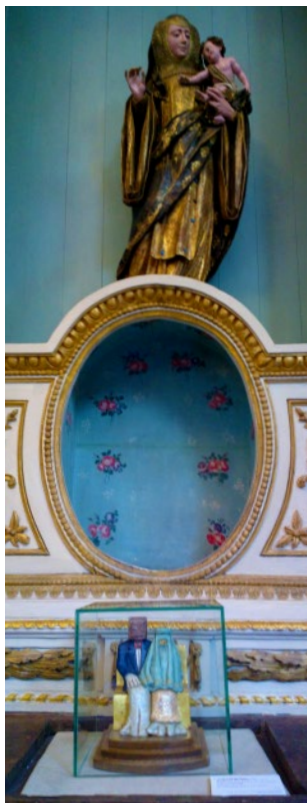
Isabel Meyrelles

Marco Quilométrico
Terracota
envernizada e
pintada,
19x19x18 cm
2012
IM28





Carlos Calvet Sem titulo, Guache s/papel, 35x50 cm 1964 CC40



Obras de Martins Correia e Isabel Meyrelles expostas na capela

● Cadavre Exquis e seus mentores

conceito | curador
concept | curator
Carlos Cabral Nunes

direcção executiva
 executive direction
Nuno Espinho

produção executiva
 e comunicação
 executive production
 and communication
Graça Rodrigues

design gráfico
 graphic design
Carlos Santos

direcção artística
 art direction
Colectivo Multimédia Perve

Impressão e Copyright
Perve Global - Lda.



Perve
Galeria

Alfama

Rua das Escolas Gerais, 13, 17
e 19, 1100-218 Lisboa
Horário: 2ª a sábado, 14h-20h
galeria@pervegaleria.eu |
www.pervegaleria.eu
T. 218822607/8 | 912521450

CT-45 | Agosto de 2015
Edição © Perve Global – Lda.
Proibida a reprodução integral ou parcial
deste catálogo, sem autorização expressa do editor.

